

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Texto escrito e feito em leitura-performance na PACT Zollverein

Por Idylla Silmarovi e Edgar Kanaykõ Xakriabá

# MEMÓRIA & RESISTÊNCIA

Existe uma cidade embaixo da cidade.

E embaixo dessa cidade existe um cemitério.

Embaixo desse cemitério existe uma floresta.

Em frente a minha casa vejo duas fábricas.

Atrás da minha casa vejo o cemitério público

Ao lado ainda resta uma pequena mata nativa preservada

Do outro lado eu vejo a nascente de um rio.

Faço parte de 45,3% da população brasileira colocada na categoria racial PARDA, que tem como ponto comum a fragmentação da memória.

Resultado da diáspora do Brasil com o Brasil.

O roubo da terra, da língua e da cultura.

Este corpo se ocupa de imagens das mulheres fortes que me formam, das lutas por terra aos cabarés, dos cuidados da roça à dança tradicional.

Danço e performo a nossa memória, demarco e inscrevo a nossa existência no mundo.

Esquecimento é projeto

Performamos desde aqui onde fomos roubadas e nos tornamos mais do que o que foi roubado, onde nos machucaram e nos tornamos mais que o resultado da dor, onde nos mataram e nos tornamos mais velhas que a morte.

## BIOMA

A prática artística se propõe lembrar que somos pedra, água, chão, minério, bicho, estrela.

Que nosso ancestral mais antigo é o bioma.

Que reconhece um rio como seu parente e conversa com ele.

E que luta bravamente para que ele recupere a vida.

Existe uma pedra muito antiga aqui em Essen. Fica bem perto do Folkwang Museum... Ela é datada de mais de 250mil anos atrás resistiu a todos esses milênios. Talvez seja a ancestral mais antiga da daqui.

E se colocássemos nosso ouvido nessa pedra, para escutá-la?

E se a tocássemos levando em consideração os tantos milênios de vida e morte que ela presenciou e buscássemos aprender algo com a memória do seu corpo?

## KA'A

Tudo é ficção.

Passado presente e futuro.

Inventaram a ficção de que meu país se chama Brasil, que meu estado se chama Minas Gerais...

Tudo isso porque fomos extratores de madeira e minério.

Estamos repletos de barragens prestes a explodir, tragédias e crimes ambientais constantes.

Inventaram que nosso continente chama América do Sul, ou seja, que pertence a Américo Vesúcio, que inventou que descobriu nossa terra, como se fosse possível descobrir um lugar onde já viviam 70 milhões de pessoas.

Então criamos outra ficção coletiva a nosso respeito que parte de nomes originários e que carregam outros significados.

Deixamos de ser mão de obra barata, deixamos de ser objeto de pertença para nos tornar Terra em Florescimento, e assim não somos mais Brasil, nem Minas Gerais, nem América Latina. Somos Pindorama, Alterosas, Abya Yala.

Toda essa outra paisagem, produz um fazer artístico específico.

Que escreve, inscreve e age desde os rastros deixados em nós.

Obras abertas, em processo que desperta memórias coletivas.

Minha bisavó, além de plantadora de mandioca, era parteira e benzedeira. Ela ensinou a minha tia avó que me ensinou, que lá na roça, para ir vir, existiam três caminhos: o caminho dos homens, o caminho das onças e o caminho do meio.

Ela dizia que deveríamos caminhar pelo meio sempre em silêncio para não atrair nenhum dos bichos, o homem e a onça. Mas, se por algum motivo a gente tivesse que seguir por outro caminho, que fosse

o caminho das onças, nunca o dos homens. Porque as onças só comem quando sentem fome, já os homens nunca estão satisfeitos.

Assim deixo ser Silva, sobrenome dado às pessoas escravizadas em meu país, para me tornar Selva, Ka'a. Prefixo de línguas de tronco Tupi que significa território-floresta.

Abraçando o que sei e, principalmente, tudo aquilo que não sei.

Isso é uma Caçada. Esse nome que ainda não temos. Ser a caçadora que fareja e ativa na arte instintos, imaginários, memórias. Caçadora do tempo, dos sonhos, do que podemos ser.

E eu espero que o bicho de dentro se recomponha e recupere seus direitos, que ele se apodere da sua potência.

A performance, o teatro e a dança também se transformam em estratégias de driblar a morte, ou seja, o esquecimento. No escuro danço com facões e minhas avós e bisavós ocupando o mesmo palco comigo. Caçamos juntas a nossa presença, a nossa memória, aquilo que de nós ainda deixa rastro.

## **Re-existência**

E nas artes, Re-existir como estratégia de viver no mundo e ao mesmo tempo construir outro, a partir de outros imaginários.

Re-existir como aquele matinho que nasce na fresta do asfalto, e que é bom para curar dores do estômago, mas, como quase ninguém sabe disso, acaba arrancando esse mato e jogando fora. Ainda assim, esse matinho segue brotando nas frestas das ruas e quintais da cidade grande.

Brotar diante do (im) possível.

Re-existir. Re-voltar. Re-criar. Re-inventar

Saudar aqueles que enfrentam o tirano em outras geografias e calendários

Este trabalho nem sempre ergue os punhos, mas ergue sempre o olhar e os corpos, assim como erguemos bandeiras na marcha do orgulho LGBT

Sinto um tesão danado em fazer isso.

Porque, como aponta a deputada federal Célia Xakriabá, nós somos o povo que insiste na festa sem esquecer que estamos em guerra. A alegria é nossa maior vingança.

O presente é futurista e a gente se move como uma flecha, quanto mais recua no tempo, mais firme voa e dança até chegar ao alvo.

Eu vejo os monumentos coloniais e penso o que fazer com eles.

Se em muitas línguas indígenas a palavra arte é a mesma palavra que diz imagem e espírito, tentamos destituir o poder dos monumentos coloniais para quem sabe destituir a imagem e o espírito colonial.

Visitamos monumentos, esculturas, artes, imagens, espíritos, ao longo do nosso trabalho. Repare bem que as imagens-espíritos que dialogam com existências como as minhas, estão ao alcance das mãos de quem quer que seja, para fazer o que quiser. Enquanto as imagens-espíritos deles, dos donos do mundo, estão geralmente no alto, completamente inalcançáveis ao nosso toque.

Eu queria pegar o mapa mundi e colocar dentro da boca, para mastigar e ver as fronteiras coloniais borradas com nossa saliva. Babar na demarcação colonial que determina quem tem direito ao trânsito, à terra, à memória, à vida e à morte digna.

Do corpo a terra tudo passa por aqui e vem de antes antes antes antes.

Parceria:

**PACT**  
ZOLLVEREIN

Projeto de nº 0668/2023

REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**